

# **Acessibilidade e Design Inclusivo em Interfaces**

**Samuel Costa**

**Tarcísio Alex**

**João Batista**

**Gabriel**

Pryscila Sousa-Centro Universitário-Unifametro

## **Introdução**

Nos dias atuais, são poucas as pessoas que não fazem uso de aparelhos tecnológicos, seja para acessar sites, enviar mensagens ou realizar outras atividades. Dito isso, torna-se evidente que a inclusão de todas as pessoas nessa era tecnológica deve ser um fator de grande preocupação por parte dos desenvolvedores dessas tecnologias. Em 2019, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), 3,4% da população brasileira com 2 anos ou mais de idade (ou 6.978 milhões de pessoas) tinham deficiência visual. Esse número é alto, tornando-se necessário que o processo de desenvolvimento de softwares ou soluções possuam a acessibilidade adequada para a inclusão dessas pessoas. Isso promove não só o sentimento de inclusão nessas pessoas, mas também uma visibilidade maior para as soluções que promovem essas ferramentas, pois contam com um número maior de usuários.

## **Metodologia**

Existem várias metodologias e abordagens para garantir a acessibilidade e o design inclusivo em interfaces, especialmente aquelas direcionadas a pessoas com deficiências.

1- **Conformidade com o WCAG**: O WCAG (Web Content Accessibility Guidelines) é um conjunto de diretrizes que define como tornar o conteúdo da web mais acessível para pessoas com deficiência. O WCAG é dividido em quatro princípios principais.

- Perceptível(Texto Alternativo,Multimídia Sincronizada,Adaptação de Conteúdo,Distinguível)
- Operável (Funcionalidade do Teclado,Tempo Suficiente,Conteúdo com Foco,Navegação Previsível)
- Compreensível(Legibilidade e Compreensão, Previsibilidade,Assistência de Entrada:)
- Robusto (Compatibilidade)

2- **Inclusão desde o Início**:Certifique-se de que a acessibilidade seja considerada desde o início do processo de design e desenvolvimento, em vez de ser uma correção posterior. Isso economiza tempo e recursos.

3- **Educação e Sensibilização:Eduque sua equipe e partes interessadas sobre a importância da acessibilidade e do design inclusivo.**

4- **Utilize Tecnologias Assistivas**: Familiarize-se com as tecnologias assistivas que as pessoas com deficiências usam, como leitores de tela, teclados alternativos e dispositivos de controle por voz. Certifique-se de que sua interface seja compatível com essas tecnologias.

5- **Legendas e Transcrições**: Forneça legendas em vídeos e transcrições de áudio para que pessoas surdas ou com deficiências auditivas possam acessar o conteúdo multimídia.

6- **Testadores com Deficiências**: Envolver pessoas com deficiências como testadores ou consultores em seu processo de design e desenvolvimento para obter feedback direto sobre a usabilidade e acessibilidade.

Observação: Lembrando que a acessibilidade não é apenas uma responsabilidade ética, mas também pode expandir seu público-alvo, melhorar a usabilidade geral e até mesmo ajudar a cumprir requisitos legais em muitas jurisdições. Portanto, é fundamental incorporar práticas de acessibilidade e design inclusivo em todos os aspectos de desenvolvimento de produtos e serviços digitais

## **Desenvolvimento**

Visando expor melhor o contexto da problematização vigente relacionado à deficiência visual presente em uma parcela da sociedade, buscamos encontrar formas de melhorias que podem solucionar os problemas para os principais casos, como deficiência visual e cegueira. Um dos principais pontos a se ressaltar é que a presença de informações em cores pode prejudicar bastante a visualização das pessoas que possuem essa deficiência, por exemplo, o Daltonismo.

Há diversos tipos de daltonismo, desde aquele que se refere à ausência de algumas cores, como vermelho e azul, até casos onde se enxerga apenas em preto e branco. Sendo assim, para garantir que pessoas daltônicas compreendam seu conteúdo por completo, jamais devemos disponibilizar informações que só podem ser entendidas por uso de cores. E caso decidam utilizar gráficos coloridos, não podemos esquecer de inserir as descrições para cada cor utilizada. Uma ferramenta bacana para gerar empatia e entender como uma pessoa daltônica enxerga é o Colorblind. É importante também não utilizar fontes com serifa. Apesar de terem seus pontos no sentido estético, as fontes com serifa não são recomendadas, pois sua leitura é mais complexa para pessoas com baixa visão. Além disso, as fontes cursivas também podem apresentar uma leitura confusa. Portanto, deve-se investir em fontes simples sem serifa, como Arial e Verdana. Para solucionar problemas relacionados a deficiências intelectuais e dislexias, podemos adotar medidas como escrever textos com linguagem simples e direta. Pessoas autistas ou disléxicas, por exemplo, podem encontrar barreiras em textos que possuam frases muito extensas ou que utilizem muitas metáforas e termos pouco conhecidos. Nesse sentido, priorizar por uma linguagem simples, que vai direto ao ponto, só tem a agregar.

## **Conclusão**

Como dito anteriormente, segundo a PNS, 3,4% da população brasileira com 2 anos ou mais e idade tinham deficiência visual no ano de 2019, ao considerar a significativa parcela da população com deficiência visual, fica claro que é essencial criar soluções tecnológicas que sejam acessíveis e inclusivas. Promovendo não só a inclusão social, mas ampliando o alcance de produtos e serviços à um novo público. O artigo destaca várias medidas de como isso seria possível, desde o uso de linguagem simples e direta até a conformidade com diretrizes como o WCAG.

A acessibilidade digital não é apenas um ato ético, como também é uma oportunidade de expansão do público-alvo, melhorar a usabilidade geral e cumprir requisitos legais. Logo, é inegável que as práticas de acessibilidade e design inclusivo sejam incorporadas em todas as fases do desenvolvimento de produtos e serviços digitais.

